

Tempo: Círculos em Expansão

Tiempo: Círculos en Expansión

Time: Expanding Circles

Maria Cecília França Lourenço

*Profa. Dra. Livre Docente, Titular, Aposentada, Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo, São Paulo/Capital/BRA. mcfloure@usp.br*

Resumo

Neste estudo pretende-se confrontar distintas maneiras de se encarar a tríade: passado, presente e futuro, com foco em ações preservacionistas de um tempo turbulento, no Japão. Para tanto, selecionaram-se duas iniciativas museais icônicas: de um lado, o projeto de Le Corbusier (1887-1965) para o Museu Nacional de Arte Ocidental, em Tóquio, dentro de preceitos modernistas, embora com coleção de obras vindas de várias épocas; de outro, o Museu Memorial da Paz e alguns dos monumentos em Hiroshima, dado o impacto das soluções geradas, após esta e Nagasaki inaugurarem triste marco: as primeiras destruídas pela bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos, ante à não rendição do Japão ao final da II Guerra Mundial. Qual o futuro então proposto?

Palavras-Chave: Tempo. Museu. Monumentos. Memória. Luto.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo confrontar diferentes formas de ver la tríada: pasado, presente y futuro, centrándose en las acciones conservacionistas de una época turbulenta en Japón. Para ello, se seleccionaron dos iniciativas museísticas icónicas: por un lado, el proyecto de Le Corbusier (1887-1965) para el Museo Nacional de Arte Occidental, en Tokio, dentro de los preceptos modernistas, aunque con una colección de obras de diversas épocas; por otro, el Museo Memorial de la Paz y algunos de los monumentos de Hiroshima, dado el impacto de las soluciones generadas, tras esto y Nagasaki inauguraron un triste hito: el primero destruido por la bomba atómica, lanzada por Estados Unidos, ante la no rendición de Japón al final de la Segunda Guerra Mundial. ¿Cuál es entonces el futuro que se propone?

Palabras clave: Tiempo. Museo. Monumentos. Memoria. Luto.

Abstract

This study aims to confront different ways of looking at the triad: past, present and future, focusing on preservationist actions of a turbulent time in Japan. To this end, two iconic museum initiatives were selected: on the one hand, Le Corbusier's (1887-1965) project for the National Museum of Western Art, in Tokyo, within modernist precepts, although with a collection of works from various eras; on the other, the Peace Memorial Museum and some of the monuments in Hiroshima, given the impact of the solutions generated, after this and Nagasaki inaugurated a sad milestone: the first destroyed by the atomic bomb, dropped by the United States, in the face of Japan's non-surrender at the end of World War II. What is the future then proposed?

Keywords: Time. Museum. Monuments. Memory. Mourning.

INTRODUÇÃO

Suponhamos, por exemplo, que reagrupemos os elementos contemporâneos, ao longo de uma espiral e não mais em uma linha. Certamente teremos um futuro e um passado, mas o futuro se parece com um círculo em expansão [...] e o passado não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, combinado, reinterpretado, refeito. [...] (LATOURE, 1994, p.74)

O tema selecionado para Edição 16 da *Revista ARA FAU USP* se reporta a trecho de poema assinado por Álvaro de Campos, um dos heterônimos do escritor português Fernando Pessoa (1890-1935): “O presente é todo o passado e todo o futuro”. A escolha originou-se por meio de etapas originadas de trabalho coletivo: no início, o Grupo Museu/Patrimônio USP (GMP) discutiu a importância em se selecionar um poeta lusófono; a ideia foi levada ao Conselho Editorial (CE); a seguir ganhou excelente “Apresentação” da colega do CE, Teresa Almeida.

O citado tema-trecho da edição *ARA* provém do poema “Ode Triunfal”, a revelar claro encanto ante as chamadas inovações técnicas, de seu tempo. Assim, repudia o passado e exalta os ditos avanços técnicos. Publicado em 1915, identifica-se com o

“Modernismo”, alardeado no futurismo italiano. O poeta expõe encanto e certezas, típicos das palavras designativas de algo terminado em “ismo”, na acepção de Henri Lefebvre (1901-91), ao diferenciar “moderno”, “modernidade” e “modernismo”.

Para Lefebvre o modernismo se caracteriza por um despertar para alterações e especificidades de seu próprio tempo, expressando “[...] a consciência que tomaram de si mesmo as épocas, os períodos e as gerações sucessivas [...]. (1969.p.5). Tais fatores bem se enquadram no poema do grande poeta luso. Vale lembrar, que o primeiro Manifesto Futurista foi lançado por Filippo Marinetti (1876-1944) em 20 de fevereiro de 1909, no jornal *Le Figaro*.

No mesmo ano, em 5 de agosto de 1909, o documento italiano saiu traduzido e comentado em Portugal, no *Diário dos Açores*, evidenciando a sintonia de Pessoa com ações culturais mais radicais. O poeta acolhe valores do maquinismo, então saudados e diretamente aliados ao avanço, cito: lâmpada elétrica das fábricas, êmbolos, correia de transmissão, rodas denteadas, engrenagens, máquinas em fúria.

Ressalte-se aqui que passado e presente ainda convivem harmonicamente e não apenas na natureza, mas também em alguns espaços, na parte deste estudo, denominada “Japão entrelaça: presente, passado, futuro”. Tais períodos se avizinham na condição de círculos em expansão, em perene contato ao se tocar.

Objetiva-se debater o valor da convivência entre inúmeros tempos, reiterada após viagem ao Japão, país que há muito desejava estar¹. Constata-se nele que períodos persistem, se alternam em variados campos, costumes, edificações, vestimentas, entre tantos outros, sem perder, sonhos e projetos para o futuro, como se procurará ressaltar, nesta oportunidade.

No texto se tentará evidenciar a convivência em um mesmo tempo e espaço territorial de costumes, hábitos e cultura habitual no país, com variedade de tipologias museológicas. A seguir nos deteremos em dois marcos bem singulares: de

¹. Sou grata a todos os artistas nipo-brasileiros que me aproximaram dessa cultura, desde as primeiras pesquisas para a tese de doutorado, publicada sob o título “Operários da Modernidade”, com destaque ao jornalista, ativista e artista Tomoo Handa (1906-96).

uma parte, se procurará analisar o trato, em Hiroshima, por meio de representações candentes e em vários suportes (Figura 1), para expressar luto, memória, morte, após ser dizimada, junto com Nagasaki (1945).



Figura 1. Cena retratada no Museu Memorial da Paz. Hiroshima/Japão. Foto A. 15 nov. 2023

Segue-se debate sobre o tema trágico e suas aspirações para o futuro, denominado: “Hiroshima: Ruínas e Formas em Busca da Paz”, com seleção de variedade de formas, materiais e soluções construtivas, com diálogo oportuno com a natureza.

Preocupações semelhantes se constata na terceira parte nomeada po “Museus para sempre”, em alusão a premissas de Le Corbusier sobre o crescimento ilimitado dessas instituições, [*le musée à croissance illimitée*] com foco no Museu Nacional de Arte Ocidental (Figura 2), instalado no tradicional Parque Ueno, o órgão foi inaugurado em 1959 e se situa em Tóquio. O projeto se deve ao escritor, pintor,

urbanista e arquiteto suíço² Charles-Edouard Jeanneret, conhecido por Le Corbusier (1887-1965). Pergunta-se: quais as perspectivas sobre o tempo, entre formas distintas, a conviver no Japão?



Figura 2. Le Corbusier. Entrada no Museu Nacional de Arte Ocidental (1959). Tóquio/JAP.

Introdutoriamente sublinho que, ao se abordar o Japão não se trata de perseguir diferenças insólitas, fazeres notáveis, ou obra prima, mas sim aprender com a alteridade, ou seja, o que não se é, no trato de temas e situações museais tão delicadas (Figuras 3 e 4). Como bem expressa Edward Said sobre a relação com países distantes:

O Oriente era quase uma invenção europeia, e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis. [...] O Oriente não está apenas adjacente à Europa; é também onde estão localizadas as maiores e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das suas mais profundas e recorrentes imagens do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste. Contudo, nada desse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é parte integrante da civilização e da cultura materiais da Europa [...]. (SAID, 2007, p. 14).

² Em 1930 Le Corbusier se naturalizou francês.



Figuras 3 e 4. Museografia do Museu Memorial da Paz. Hiroshima/JAP. Foto A. 16nov.2023

Dois filmes de 2023 debatem peculiaridades humanas desse tempo e espaço, revelando o interesse pelo tema: “Oppenheimer” e “Dias Perfeitos”. Observa-se esse trabalho de não deixar o esquecimento vencer ou minimizar as circunstâncias nefastas, sendo bem acolhidos e premiados. O primeiro conquistou nove premiações no Oscar 2023³. Dirigido por Christopher Nolan (1970) e com a personagem principal do cientista, no título, representado pelo ator irlandês Cillian Murphy (1976). A fita relembra diálogos do criador da bomba atômica, trocando saberes com notáveis cientistas, a incluir Albert Einstein (1879-1955), papel de Tom Conti (1941), quando conviveram, na década de 1940, no Instituto de Estudos Avançados de Princeton.

Desde 1939, em plena II Guerra Mundial, se iniciou nos Estados Unidos, em cooperação com Canadá e Inglaterra, um projeto de bomba nuclear, denominado Manhattan, a envolver significativos cientistas. Como se consagrou, Einstein, que já possuía Prêmio Nobel, enviou carta ao então Presidente Franklin Roosevelt (1882-1945, para que mobilizasse grandes recursos na produção da bomba, sob o pretexto de que a Alemanha poderia realizar antes tal façanha, a gerar perigo ao mundo.

³ Foram as seguintes as modalidades reconhecidas e premiadas: Melhor Direção, Direção de Arte, Filme, Figurino, Fotografia, Montagem, Coadjuvante Feminina, Maculino, Maquiagem & Penteado.

JAPÃO ENTRELAÇA PASSADO, PRESENTE E FUTURO

*Que todas as almas repousem aqui em paz, pois jamais repetiremos este mal.
Frase gravada no Parque da Paz. Hiroshima/JAP”*

A ação trágica ao se destruir as cidades de Hiroshima e Nagasaki provou a eminência em se pensar um futuro distinto daquele, não apenas no país. Some-se a este marco lúgubre, o despertar para se reerguer e reconstruir as cidades. Sem recursos, uma das saídas foi promover a industrialização do Japão. Tal cenário apontou para a urgência nos cuidados com o meio ambiente, surgindo cobranças interna e externa.

O projeto para se construir o Museu do Memorial da Paz (Figura 5) originou-se por concurso (1949)⁴, tendo vencido o professor, urbanista e arquiteto Kenzo Tange (1913-2005)⁵. Neste, coleção, programação e arquitetura interagem com o remanescente após a dizimação, algo típico da cultura japonesa. Ante o desastre de Hiroshima e Nagasaki, o ponto central residiu em se inquirir qual o futuro desejável?



Figura 5. Kenzo Tange. Edifício principal do Museu Memorial da Paz (1955). Ingresso. Hiroshima/JAP. Foto A. 16 nov. 2023

Formas, espaço e visualidade concretizam tal indagação, por meio de museografia solene, que consegue expressar tanto o horror quanto a esperança de não se repetir a catástrofe. Internamente, há meia luz, foco em objetos sobreviventes: roupas, objetos domésticos, brinquedos, restos de residências, fotos e filmagens de época

⁴ O governo japonês estabeleceu em 1949, após referendo, com base no Artigo 95 da Constituição, que Hiroshima seria reconstruída como “Cidade Memorial da Paz”, abrindo então concurso.

⁵ Helio Herbst expôs na tese de doutorado, que Tange compôs, em 1957, o Júri na Seção de Arquitetura, pois esta ainda fazia parte na Bienal de Arte paulista, ao lado de Marcel Breuer (1902-81) e Philip Johnson (1906-2005).

(Figuras 3 e 4). Inaugurado em 1955, a exposição vem sendo periodicamente renovada, com novas peças remanescentes doadas.

O zelo com o meio ambiente aspirado inclui o combate à poluição e, também, implica na demanda pela qualidade de ar, solo e vida, tanto dos seres vivos, humanos, animais, fauna e flora, quanto da água, em zonas rurais e urbanas (Figura 6). Cabe lembrar que nesse país ocorreu a Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, quando se firmou o Protocolo de Quioto (1997) expressivo para chamar atenção sobre os perigos iminentes.

O Protocolo enfatizou inúmeros tópicos, destacando-se redução de gases poluentes, combate ao desmatamento, proteção de florestas, uso de fontes renováveis de energia. Previu-se redução de 5,2% da emissão de carbono para países industrializados, cabendo a alguns, a incluir o Japão, diminuição de 7 a 8%. Houve enorme preocupação em despoluir canais em várias cidades.



Figura 6. Canal urbano tratado em Quioto, Japão. Foto A. em 16 nov. 2023

Sem dúvida, as diferenças evidenciam particularidades culturais, seja ante o enlevo com a natureza, seja no viver urbano. Recente filme de Wim Wenders (1945), “Dias Perfeitos” (2023) (Figura 7), com papel principal desempenhado por Kōji Yakusho (1956), nos instala no mundo flutuante nipônico, em que efeitos e sombras filtradas pelos raios solares são perseguidos e exaltados, juntamente com as plantas, música e livros, existente por onde ele passa e cuida em seu mini-apartamento.

O filme se passa em Tóquio acompanhando um homem silencioso e maduro, Hirayama (Yakusho), na limpeza de banheiros públicos⁶. Desde os primeiros planos, natureza, luzes e sombras são ressaltadas e ganham protagonismo, por entre emaranhados de galhos nos imensos e belos parques, estendendo-se até o final da película. Até mesmo, após os créditos, reafirma-se o interesse, porquanto surge a palavra em japonês “*komorebi*”, a indicar as luzes emanadas de raios solares, que se infiltram em meio às folhagens das árvores. Igualmente foi bem recebido⁷.



Figura 7. Wim Wenders. “Dias Perfeitos” (2023) no cartaz Kōji Yakusho. Fonte: <https://images.app.goo.gl/HvShjjC4XfryE3Tk8>

Além da atração pela natureza, também há outros fatores habituais no Japão: o uso de trajes, cabelos, adereços e sapatos típicos. Ao caminhar pelas várias regiões se vêem pessoas de diferentes idades usando-os, em particular, em passeios e datas especiais. Convivem bem com aqueles que optam por utilizar vestes alinhadas a qualquer centro urbano ocidental (Figura 8). A opção do passado se torna um diferencial buscado e exposto com orgulho.

Os tecidos dos quimonos são muito variados e preciosos; ganham as ruas e também são musealizadas, denotando apreço ao trabalho de artesãos em variados campos, a conviver com avanços industriais. A tônica são os panos, já que a forma da veste se

⁶ A criação de novos banheiros fez parte do projeto Tokyo Toilet, ligado aos Jogos Olímpicos de 2021, com arquitetos e designers chamados para atualizar 17 sanitários públicos em Shibuya. As paredes são espelhadas e ao se entrar no vestibulo este apenas se ilumina. Existem também em Lugano/Suíça,

⁷ Algumas premiações: Melhor Ator (Kōji Yakusho) no Festival de Cinema (Cannes/FRA); Asian Film Awards 2024: indicado a Melhor Filme e Ator; indicado para representar o Japão no Oscar; Festival de filme de Toronto/CAN; Melhor Escolha dos Críticos. Festival de Boston/EUA.

mantém, com destaque para as estampas pintadas à mão na seda, juntamente com os tradicionais calçados, denominados *geta*.

A *geta* assemelha-se no formato ao que se popularizou como sandálias havaianas, porém, o diferencial reside em ampla madeira na sola, em geral com mais de 7 cm, evitando o contato com neve, ou chuva, sendo presos por tecidos ou cordas, passando em V pelo dedão (Figura 8). Ao ingressar em casas e templos, em geral, e em saudável hábito, depositam-nos na entrada em local designado, *genkan*.



Figura 8. Rua em Quioto/ Japão. Foto A. em 18 nov. 2023

Países menos antigos, situados nos vários continentes, não raro se voltam para destruir o tradicional, por parecer superado. Já no Japão, além da forte preocupação com a natureza e com os costumes, somam-se sentimentos preservacionistas, em relação às edificações, aos monumentos e aos portais. Quando o espaço demanda uso iminente, desmontam-se edificações e as refazem em outro local. Evidencia-se o orgulho por se valer dessa dupla chave, a unir passado ao presente.

Note-se a utilização de monumentos como os portais de boas vindas, nomeados por *torii*s, fixados em muitos lugares: entrada de templos, budistas ou xintoístas e mesmo flutuante, como se observa abaixo (Figura 9). Versam sobre símbolos, a unir aparentes opostos: laico *versus* sacro; perene *versus* etéreo; dentro *versus* fora; urbano *versus* paisagem. Revestidos de laca na cor vermelha, indicam a ligação entre mundos, como material e espiritual, líquido e sólido e também diversos tempos.



Figura 9. “Torii Flutuante” na entrada da Ilha Miyajima/ Japão. Foto A. 15 nov. 2023

As habitações nas cidades e no campo mantêm muitos dos padrões, havendo beirais nos telhados, cujo estilo depende da data e finalidade da construção. Casas são chamadas *minka* (casa do povo), têm corredores, *engawa*, criados na era Edo (1603-1868). Circundam as construções, evitam contato direto com a parte interna, excesso de sol e chuva, como se esclarece no Museu de Maquetes (Figura 10) de Tóquio, outra dessas instituições muito interessante, tendo sido aberto em 2018.



Figura 10. Museu de Maquetes Takayama/JAP Foto A. 20 nov. 2023.

Soluções consagradas ainda se conservam nas residências: predomínio do uso de madeira em áreas externas, revestimento de pisos, armários, móveis e forros. As portas, divisórias ou paredes possuem um painel deslizante, chamado *fusuma*, emoldurado por madeira e revestidos com papel ou pano em ambos os lados, sendo que alguns, em locais específicos como restaurantes, hotéis e residências são pintados com paisagens, flores ou cenas mitológicas.

As salas mantêm o estilo dito *washitsu*, composto por mesa singular para refeição, que possui pernas curtas, de 15 a 30 cm de altura, pois se senta no chão também em

madeira, as *chabudai*. Costumam se valer das árvores fartas no país, a citar pinheiro e cedro. Bambu, junco e palhas dispostos horizontalmente servem como cortina, cujo nome é *sudare*. O *tatami* se apresenta como um recurso bem comum, para quartos, sendo em esteira, em geral, proveniente de planta denominada *tatamigusa*. Constatam-se, em locais como hotéis e restaurantes, as pontas da peça nomeada por *washitsu*, podendo ser revestidas por panos, especiais e/ou desenhos.

Casas convivem e contrastam com inúmeros edifícios, em que se serviram de renovadas poéticas, além de projetos e técnicas, como o museu dedicado ao gravurista Katsushika Hokusai (1760-1849), em Sumida, na cidade de Tóquio. Este foi elaborado pelo arquiteto Sejima Kazuyo (1956) (Figura 11). Destaque-se a cobertura em ângulo formada por painéis de alumínio, a refletir o céu. É dedicado a esse pintor e gravurista, mestre da técnica *ukiyo-ê*, o dito ‘mundo flutuante’⁸, base da renovação da arte ocidental, o “japonismo”, a partir dos impressionistas.



Figura 11. Sejima Kazuyo. Museu Sumida Hokusai. Tóquio/JAP. Foto 23 nov. 2023.

⁸ O termo se aproxima de um conceito budista, *ukiyo*, a se referir à efemeridade da vida.

HIROSHIMA: RUÍNAS E FORMAS EM BUSCA DA PAZ

*[...], Mas, oh não se esqueçam/ Da rosa da rosa / A rosa de Hiroshima
A rosa hereditária/ A rosa radioativa/ Estúpida e inválida/ [...]
(MORAES, 1960, p.249)*



Figura 12. Vista Geral do Parque Memorial da Paz (1954), aparecendo o arco chamado Cenotáfio e ao fundo a Cúpula da Bomba Atômica em ruínas. Hiroshima/JAP. Foto A. em 16 nov. 2023.

Hiroshima, situada a cerca de 800 quilômetros de Tóquio, em ChugoKu, uma das oito capitais japonesas⁹, foi arrasada em 6 de agosto de 1945. Três dias depois, o ataque se deu em Nagasaki, valendo-se de outro núcleo devastador, lançado a mais de 400 quilômetros de distância, na região de Kyūshū¹⁰, assim irradiados em ampla escala. Formam então o primeiro alvo no mundo, dizimado por uma bomba atômica.

Em 1949 começaram as iniciativas para concurso visando a reconstrução em Hiroshima, a incluir e criação de parque, monumentos e memoriais, sendo o primeiro o “Memorial da Paz” ou “Cúpula da Bomba Atômica” (Figura 13). Até então ali era a Prefeitura e o artefato explodiu próximo, deixando o edifício em ruínas. Após essa hecatombe nefasta, a população se dividiu entre reconstruí-lo, ou deixá-lo como testemunho de um recurso bélico diabólico, acionado para forçar a rendição, do

⁹ São as seguintes: Hokkaido; Tohoku (Touhoku); Kanto (Kantou); Chubu (Chuubu); Kansai ou Kinki; Chugoku (Chuugoku); Shikoku; Kyushu (Kyuushuu).

¹⁰ Reitere-se, que o alvo principal se deu na Ponte Aioi no centro de Hiroshima, destruída e refeita em 1983. Data desse ano também a destinação pelo Imperador Hirohito (1901-89) de uma quantia para indenização do governo, mas apenas para os residentes no país.

Japão. Optou-se por mantê-lo em ruínas, como marco para que tal fato não se repetisse, restando essa visão trágica dos efeitos da bomba.



Figura 13. Cúpula da Bomba, Hiroshima/JAP. Foto Tomaz Lourenço em 16 nov. 2023

Em 1952, no centro do Parque, edificou-se um arco-monumento, o Cenotáfio¹¹ (Figura 14), nele gravou-se a frase de expectativa no futuro: “*Que todas as almas repousem aqui em paz, pois jamais repetiremos este mal.*” Abaixo há uma pedra, com nome de vítimas de radiações. O projeto também de Kenzo Tange, sendo frequentemente depositado flores por escolares e autoridades ao visitar o país¹².



Figura 14. Kenzo Tange. Cenotáfio. (1952). Hiroshima/JAP. Foto A. 16 nov. 2023.

Outra manifestação muito comovente reside no Monumento à Paz das Crianças, em homenagem a todas aquelas mortas (Figura 15). Reúne público, flores e painéis com inúmeras dobraduras. Esta iniciativa para se erigir a obra partiu de colegas da menina

¹¹ Cenotáfio é um local funerário de vítimas, cujo corpo não se encontra nesse lugar, no caso de Hiroshima, se poderiam levantar inúmeras razões, termo já usado pelos gregos.

¹² Ao Tange falecer o IAB/ SP (Instituto de Arquitetos do Brasil), em seu Boletim, reconheceu que sua projeção internacional se deveu ao fato de unir tecnologia e humanismo.

Sadako Sasaki, que aos 2 anos esteve sujeita à radiação. No entanto, em 1955, surgiu uma leucemia e internada passou a realizar origami de garças.

Conforme dados colhidos no local, contaram à Sasaki, a lenda sobre quem fizesse mil dobraduras de garças (*tsurus*) teria mais chance de ter um desejo atendido, no caso dela seria o de sobreviver, porém faleceu nesse mesmo ano (1955). O fato ganhou grande divulgação tendo sensibilizado colegas, que lideraram levantamento de fundos para se erigir o monumento. Foi inaugurado no Dia da Criança (1958) e projetado por dois artistas professores, de universidades locais, a saber: pedestal de granito por Kazuo Kikuchi (1908-85) e imagens por Ikebe Kiyoshi (1920-79).



Figura 15. Kazuo Kikuchi e Ikebe Kiyoshi (1958). Monumento "à Paz das Crianças". Hiroshima/JAP. Foto A. 16 nov. 2023

MUSEUS PARA SEMPRE

Os tempos modernos não criaram uma solução verdadeira ao problema do crescimento (ou da extensão) ilimitado (...). O museu não possui fachada; vê-se diretamente seu interior. Entra-se em seu coração por um subterrâneo (...). Seu plano é de uma espiral; forma verdadeira de crescimento harmonioso e regular.

Trata-se de obra de domínio público. Le Corbusier, Cahier D'Art, Paris, 8.12.1930.



Figura 16. Le Corbusier. Museu Nacional de Arte Ocidental (1959). (Vista do Parque Ueno). RODIN, Auguste Os Burgueses de Calais (1889) em primeiro plano. Tóquio/JAP. Foto A. 24 nov.2023

O Museu Nacional de Arte Ocidental (MNAO) (Figura 16) em Tóquio, representa um dos momentos áureos de Le Corbusier, quando coloca em prática o conceito de que o projeto deveria ensinar às instituições, um crescimento ilimitado, considerando-se que as coleções museicas se expandem. Tal ampliação de fato começou a acontecer pouco depois que o museu original foi concluído em 1959, como se buscará analisar, tendo sido a primeira obra no Japão incluída como Patrimônio Mundial da Unesco (2016), com outras 16¹³ projetadas pelo arquiteto franco-suíço.

O museu aberto em 1959 foi criado a partir da Coleção de Matsukata Kojiro (1865-1950), que reúne no prédio principal desde Paolo Caliari, dito Veronese (1528-88), Peter Paul Rubens (1577-1640) a Jackson Pollock (1912-56), (Figura 17). Curiosamente, o século 19, que costuma ser repudiado como passadista e acadêmico, ganhou um lugar estelar, talvez, ante a disparidade da coleção. Lá se informa que, para Le Corbusier, esta parte novecentista seria o coração do museu, por conduzir lentamente às demais.

¹³ São as demais: 1. *Unité d'habitation*, Marseille/FRA; 2. *Maison Guiette*, Antwerp/BEL; 3. *Secretariado de Chandigarh*/ÍNDIA; 4. *Casas Weissenhof-Siedlung*, Stuttgart/ALE; 5. *Casa Curutchet*, La Plata/ARG; 6. *Convento de La Tourette próximo a Lyon*/FRA; 7. *Villa Savoye próximo a Paris*/FRA; 8. *Notre-Dame du Haut, Ronchamp*/FRA; 9. *Casa La Roche, Paris*/FRA; 10. *Villa Le Lac, Corseaux/SUI*; 11. *Cité Frugès, Pessac*/FRA; 12. *Immeuble Clarté, Genève/SUI*; 13. *Immeuble Molitor, Paris*/FRA; 14. *Usine Claude et Duval Factory, Saint-Dié*/FRA; 15. *Cabanon de Le Corbusier, Roquebrune-Cap-Martin*/FRA; 16. *Maison de la Culture, Firminy*/FRA.

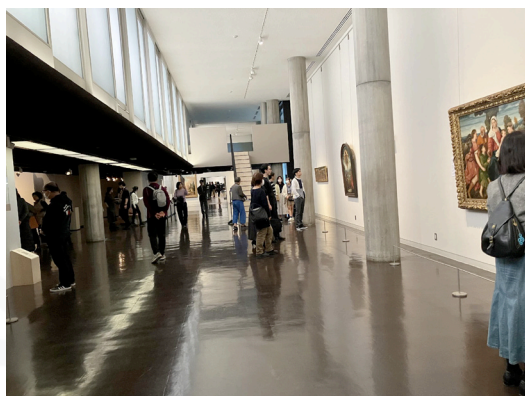


Figura 17. Vista interna MNAO com obras renascentistas. Foto A., em 24 nov. 2023

O MNAO ocupa uma área de 17.369 m², em três pavimentos, estando implantado sobre pilotis. A fachada possui vidros, que se repetem por meio de clarabóias, complementando a iluminação e ensejando um percurso em forma de caracol. Neste espaço se incluem realistas como Gustave Courbet (1819-77), impressionistas de raiz, Édouard Manet (1832-83), Edgar Degas (1834-1917), Pierre-Auguste Renoir (1841-1919), Claude Monet (1840-1926).

Há muitas peças, na parte interna e externa (Figura 18), de Auguste Rodin (1840-1917), uma vez que este e Monet foram próximos do colecionador; também há obras dos que se apartaram do impressionismo, sendo produzidas no antepenúltimo século: Vincent Van Gogh (1853-90), Paul Cézanne Paul Gauguin (1848-1903), Paul Signac (1863-1935); não faltando renovadores, cito Pablo Picasso (1881-1973).



Figura 18. Auguste Rodin. A porta do Inferno (1880), MNAO

Durante a Segunda Guerra Mundial sua coleção foi trasladada a Paris para garantir sua segurança, mas foi desapropriada pelo Estado francês na categoria de Bens do Inimigo. Passado o conflito, em 1959, a França restituiu a coleção ao Japão. Entretanto, em 2018 o Museu do Louvre noticiou que achara uma outra obra de Claude Monet, da Coleção, e estava devolvendo ao MNAO.

Como previsto por Le Corbusier, ao conceituar “museu de crescimento ilimitado”, 1939], o MNAO foi ampliado por arquitetos japoneses ligados ao autor¹⁴. Desta forma, em 1964, Kunio Maekawa (1905-86), Junzo Sakakura (1904-69), Takamasa Yoshizaka (1917-80) erigiram um auditório e um edifício com escritórios; em 1984, o grupo Associado Sakura também acrescentou uma bilheteria; e em 1979, o Escritório de Maekawa projetou e construiu novo anexo, um aceno promissor para o futuro.

¹⁴ Segundo se registra em várias fontes no MNAO, se aproximaram de Le Corbusier: Mekawa, após concluir a Universidade de Tóquio, seguiu em 1928-30 para Paris; Sakakura formou-se em 1930, quando se ligou ao mestre por sete anos; e Takamasa Yoshizaka entre 1950-2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 19 Sala do Memorial da Paz. Hiroshima. Foto A. em 15 nov. 2023

O maléfico contraste entre erigir e destruir, resistir e se render, presente e passado, ordem e caos ganhou tonalidades sombrias, após as cidades japonesas serem atingidas pelos Estados Unidos. Tal catástrofe poderia indicar uma lição irrepetível, mas guerras seguem até hoje. No entanto, a arte por meio de formas, movimento, luzes, som e palavras busca não deixar esquecer o perigo da bomba atômica.

O Memorial em Hiroshima (Figura 19) expressa de forma solene os sentimentos deletérios da destruição desses locais japoneses. Por meios arquitetônicos e expográficos transmitem o impacto em Hiroshima, em que dominam agonia, luto, aniquilamento, inconformismo ante perdas humanas irreparáveis. Como habitual em museus, nesse não se observam pessoas distraídas conversando, falando alto, se aproximando de obras, a exigir guardas chamando a atenção para o decoro do local.

O tema comum a todas as formas versa sobre um imenso sonho no amanhã, ou seja, a busca de Paz, que repousa lá em monumentos, museu, memoriais aqui escolhidos para análise em Tóquio e Nagasaki. Assim se almeja algo diverso desse passado e mesmo de conflitos iminentes no presente. Durante a Segunda Guerra Mundial inexistiu serenidade, compaixão ou humanismo, enfim um passado repugnante, mas, quem sabe, despontará uma luminosa aurora em breve, vale sublinhar, no futuro.

A obra de Le Corbusier para o Museu Nacional de Arte Ocidental foi pensada dentro das principais premissas difundidas pelo arquiteto e em grande extensão geográfica. Como se assinalou, o MNAO surgiu graças à devolução de cerca de 400 obras do

coleccionador japonês Matsukata Kojiro, desapropriadas na França, que estavam em no Museu do Louvre, de Paris. Desta maneira, o ilustre arquiteto precisou se adaptar com acervo modernista entremeadado com outro, distante de tais premissas, por ele firmadas em obras arquitetônicas pelo mundo, revelando uma etapa de maturidade para encarar e interpretar aquele momento e local.

Fator exponencial a ligar os dois conjuntos aqui selecionados se observa na mensagem gravada em pedra. Estas apontam para jamais se fazer experiências mortíferas, ditas científicas, como as realizadas em Hiroshima e Nagasaki, em nome de se evitar ataques de inimigos. Teríamos aprendido no presente tais clamores?

Afinal, a morte de civis e guerras seguem e há continuação em ensaios capazes de liquidar em segundos uma série humana, não raro por mera exibição de força e poder, daqueles que possuem potencial para tanto. Tratados de “Não-Proliferação de Armas Nucleares” vêm sendo revistos com denúncias de falsidade nos dados. Aqui se espera que tal cenário, para além da bela natureza no mundo e das flores depositadas, em memoriais, ilumine futuras ações pacifistas! Ciça, Outono 2024.



Figura 21 Outono no Japão. Foto A. 25 nov. 2023

BIBLIOGRAFIA CITADA

LEFEBVRE, Henri *Introdução à modernidade. Prelúdios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da Modernidade*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1990.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Fontes eletrônicas e sites

BARONE, Ana Paula Castilho. *Team 10: arquitetura como crítica*. São Paulo: FAU USP, 2000. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-22092023-150936/publico/Barone_Ana_Claudia_Castilho_ME_2000.pdf/. Acesso em 12 fev. 2024

- CRONOLOGIA da obra de Fernando Pessoa. Disponível em:
<https://www.casafernandopessoa.pt/pt/fernando-pessoa/vida/cronologia>.
Acesso em: 21 fev. 2024.
- CURTAS. *In Memoriam*. Kenzo Tange. *Boletim IAB* (49): 27, mar/abr 2005.
Disponível; em: https://www.iabsp.org.br/boletins/boletins_2005.pdf/.
Acesso em 20 mar. 2024.
- DATOS del Japón: *El Parque Conmemorativo de la Paz de Hiroshima, símbolo del desarme nuclear*. Disponível em:
<https://www.nippon.com/es/features/h00141/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- GUERRA, Abilio. "Depoimentos de uma geração migrante", *Arquitextos* 030.00, São Paulo, Portal Vitruvius, nov. 2002. Disponível em:
<www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq030/arq030_00.asp>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- HERBST, Helio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)*. São Paulo: FAU USP, 2007. (Tese doutorado). Disponível em:
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19052010-110614/publico/aHelio_TUDO.pdf/. Acesso em 15 jan. 2024.
- LE CORBUSIER. *Cahier D'Art*, Paris, 8 dez. 1930. Disponível em:
<https://www.cahiersdart.com/en/product/cahiers-dart-1930-n8-9/>. Acesso em 18 mar. 2024.
- MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. 2 eds. Rio de Janeiro: EDAUTOR, 1960. [1945]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/>. Acesso em 04 abr. 2024.
- MUSEU Nacional de Arte Ocidental. Disponível em:
<https://www.japan.travel/pt/spot/388/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- PROTOCOLO de Quioto. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/protocolo-de-kyoto#:~:text=Acordo%20ambiental%20fechado%20durante%20a,de%20feito%20estufa%20na%20atmosfera/>. Acesso em 01 abr. 2024.
- SPADONI, Francisco. *Kenzo Tange e uma peniche no rio Sena*. *Geração Migrante – Depoimento*. Disponível em:
<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.030/728/>. Acesso em: 03 abr. 2024
- WANG, Felipe Espinosa. Como bomba de Hiroshima deixou marcadas sombras das vítimas. 23 mar. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-bomba-de-hiroshima-deixou-marcadas-sombras-das-v%C3%ADtimas/a-68663293/>. Acesso em 01 abr. 2024.